

**Notas sobre o dia**

**16 de agosto**

**MÉXICO**





## México: Ninguém disse que era pacífica

O Estado mexicano, a mídia, as pessoas dizem que mentimos sempre que denunciámos uma agressão sexual, que exagerámos, agora publicamente é indicado como mentira um estupro massivo por policiais de uma jovem que teve medo de continuar com a denúncia, porque ninguém garantiu segurança a ela e a sua família, e gemem os incautos e reafirmam suas posturas pútridas, se regozijam por estarem certos e mais uma vez a mulher mentiu, reafirmam galantemente que são homens e que são inocentes.

As pessoas estão satisfeitas com a versão dos vídeos publicados pela mídia, onde negam a afirmação da jovem vexada; é mais fácil, enche-as de tranquilidade saber que podem continuar confiando em seus carrascos, é mais confortável para elas, assim podem seguir sem se sentirem culpadas de sustentar um sistema social que eleva a milésima potência a violência contra o corpo da mulher, podem caminhar tranquilas pensando que seus policiais não estuprarão suas filhas...

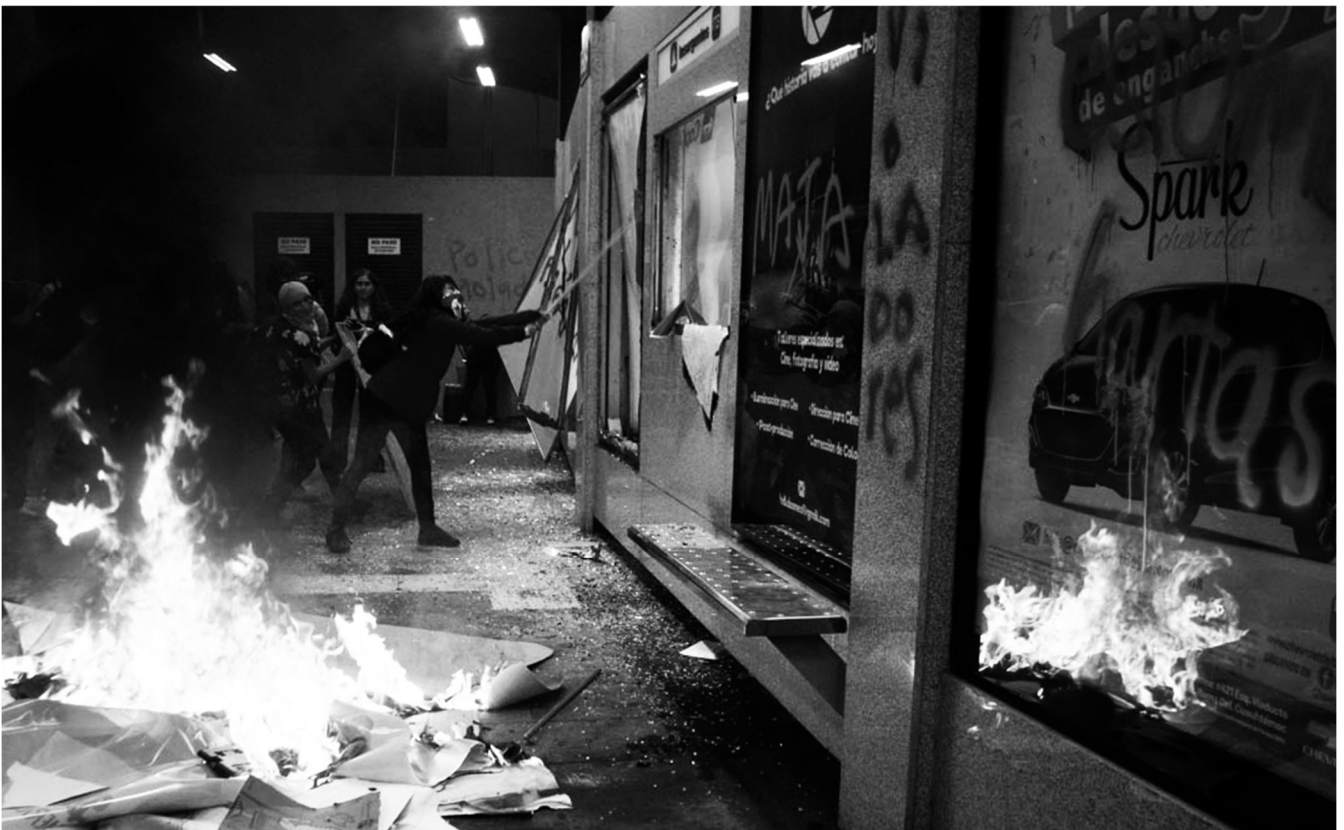
O que esquecem é que este não é o primeiro nem o último caso em que mulheres denunciam que foram estupradas por funcionários públicos em todo o mundo, sempre abusaram de seu poder, sempre o farão, assim como um homem que não é funcionário se esconde no escuro para atacar, assim eles se escondem atrás de seus títulos de polícia, militares e políticos.

Ao entardecer, tudo entra nas margens e estatutos do bom comportamento, ser cidadãs, bem comportadas, gritando palavras de ordem, pedindo, quase implorando para serem ouvidas... que não gostamos de sobreviver à vida cotidiana com medo de sermos levadas, de nos torturarem até a morte, que nos matem, que nossas mães vejam nossos corpos em estado de decomposição, ou que não nos encontrem nunca...

Depois, você pinta nas paredes, performance com fogo, fumaça rosa e roxa, movimento, gritos cada vez mais fortes, o primeiro vidro cai, os gritos de empatia transbordam, ferramentas improvisadas, mais vidros caem. Gritamos de fúria, de alegria, de tristeza... Sim, fomos nós, voltaríamos a fazer de novo e mil vezes mais, botamos para correr os homens de nossos contingentes, de nosso espaço de

ação. Eles não tinham nada para fazer lá, não foram convidados. Não eram bem-vindos nem amigos, nem aliados.

A noite nos cobriu e não sentimos medo nem da polícia nem das ruas escuras, éramos uma maré de desconhecidas, juntas, fortes, desorganizadamente raivosas, doentes de cólera e frustração. Em nosso caminho, pintamos tudo, quebramos todos os símbolos da autoridade responsável pelos abusos cotidianos. Queimamos o que podíamos.



Por que estão com tanta raiva? Perguntam.

Outros dizem: cadelas, loucas, histéricas, putas, desavergonhadas. Tiram sarro, zombam, pedem que nos matem, que nos estuprem, que nos aprisionem, que não são formas de protestar, que as paredes não, que os vidros não, que os monumentos não, que quem vai limpar a cidade, que somos *chamacas kagonas*, que desvirtuamos o movimento, que somos infiltradas, provocadoras, fascistas, enviadas da direita, bastões da esquerda.

Nasci com esse corpo com o qual me identifica toda a história e a sociedade de todas as regiões, como algo que eles chamaram mulher, e me construíram para ser submetida, pisoteada, estuprada, para ser mãe, para cuidar, atender, suportar, silenciar, servir o servo do mestre e o mestre... identifiquei a história da outra como a minha, por isso saio à rua com elas, por isso fomos todas, por isso não deixamos nenhuma e celebramos as ações umas das outras.



Ninguém convocou uma marcha pacífica, nenhuma de nós saiu em nome da outra, não queremos representar a ninguém e que ninguém nos represente, não pedimos justiça ao carrasco, não imploramos migalhas da traidora Sheinbaum, nem do falador da cadeira presidencial, o que aconteceu ontem foi uma explosão de cansaço, sabemos que eles não moverão um dedo para garantir nossa segurança ou para castigar quem nos violenta. Haverá mais assassinatos de mulheres por serem mulheres em todo o mundo, continuarão nos culpando, continuarão dizendo que mentimos, golpistas de ideologias famélicas virão nos dizer que não somos feministas ou anarquistas, que não fazemos política; as mães das assassinadas e desaparecidas continuarão com sua dor, continuarão



buscando suas filhas em fossas clandestinas, continuarão nascendo organizações de busca, continuarão existindo crianças de mães assassinadas, crescerão apenas para ver que a humanidade não dá a mínima para o que aconteceu com suas mães...



Que o passado se afunde no nada!  
Que nos importa o ontem!  
Queremos escrever de novo a palavra MULHER  
PUNHO ERGUIDO, mulheres do mundo!

**Lucia Sánchez Saornil**

Os acontecimentos de ontem só nos permitiram ver e reconhecer em olhares cúmplices, em corpos lustrados, nus e vibrantes que não estamos sozinhas... e que não queremos continuar escondendo e perpetuando um sistema social de morte, nem como mulheres nem como humanas.

Me reconheci no olhar da outra, tomei sua mão, logo nos demos um abraço sincero, um abraço de mulher, de companheiras, depois de quebrar alguns vidros e afugentar homens e policiais intrometidos, voltamos cada uma para sua casa, última mensagem da noite e pelo que vale a pena lutar: volte para casa bem, descanse.

Apenas mais uma anedota.

**Proletárias antidemocráticas**

<https://antagonismorp.wordpress.com/2019/08/17/mexico-nadie-dijo-que-era-pacifica/>

## Algumas considerações sobre o 16A

Deixamos abaixo uma reflexão sobre a recente concentração convocada na roda de Insurgentes da cidade do México, por grupos feministas, em protesto contra a agressão sexual contra as mulheres... para mencionar um caso específico, o abuso sexual sofrido por uma jovem nas mãos de 4 policiais em Azcapotzalco (mas existem muitos mais). Cabe ressaltar que anteriormente, em 12 de agosto, havia sido realizada uma concentração em frente aos escritórios da Procuradoria Geral da República, que resultou em pixos com spray em todo o edifício e na quebra dos vidros e das portas por parte das manifestantes; e, conseqüentemente, a criminalização pelo governo de tal ato.

\*\*\*

Em 16 de agosto, as mulheres proletárias [porque a essa altura seria absurdo falar que os feitos foram protagonizados pela "classe média" ou pior, pelas mulheres da burguesia] perturbaram e desestabilizaram a paz cidadã de maneira exemplar, destruindo móveis urbanos, meios de transporte e delegacias de polícia, não só na capital do México, mas em diferentes pontos desta propriedade capitalista.

E, diante do medo da extensão desses sintomas, a burguesia e seu Estado já planejam a cooptação para acabar com a inconformidade com inúteis reformas, pactuadas por meio de diálogos e acordos em frente às câmeras da imprensa, meras simulações de paz e cooperação, que servirão apenas como tela, para que as que se dizem "representantes do movimento" ouçam apenas o que desejam ouvir; enquanto nas ruas, o sistema patriarcal que tanto a chefe de governo Sheinbaun como o velho de merda e seu partido político defendem, permanecerá intacto, reproduzindo e patrocinando aos mesmos feminicidas, estupradores e violadores [entre os quais estão sua polícia e guarda nacional].

No entanto, apesar das tentativas por parte do Estado capitalista para liquidar os protestos o mais rápido possível (seja com repressão, seja com concessões ridículas ou ladainha proselitista de deputadas, senadoras ou funcionárias feministas), mais cedo ou mais tarde, terão que se ver esmagados pela agitação nas ruas de milhares de mulheres combativas. É cada vez mais claro para muitas

que a via institucional fracassou e sempre fracassará, e nunca será o caminho que levará a mudar pela raiz essa realidade decadente. Pois o patriarcado não se erradica com mais reformismo, com mais polícia, com mais câmeras de vigilância, muito menos reforçando ao Estado, pedindo-lhe que faça mais leis "para cuidar" das mulheres.

A luta contra o patriarcado é um aspecto inseparável da luta pela destruição revolucionária e definitiva do capitalismo, isto é, desse sistema produtor de mercadorias, exploração, trabalho assalariado e assassino da terra.



\*\*\*

Não é de surpreender que o vandalismo exercido na revolta de 16 de agosto chocou abruptamente os cidadãos, conservadores, religiosos, homofóbicos, misóginos e até os conspiradores ridículos que argumentam que essa onda de



distúrbios é “um truque planejado pela direita para desestabilizar o governo da 4T (quarta transformação)<sup>1</sup>”

A moral e o temperamento dos espectadores passivos se viram abalados e violados pelos excessos de uma horda de “loucas selvagens e pagãs”, restando desprovidos de qualquer capacidade de reflexão: motivo pelo qual não se pode esperar nenhum argumento coerente deles. Como poderiam entender que as revoltas e tumultos não são algo ordenado que segue as lógicas do disciplinamento do bom cidadão, como fazer fila no caixa ou no supermercado, obedecer ao patrão na empresa, ao padre na missa ou ser transportado pela mesma rota todos os dias para dirigir-se à superlotação no trabalho assalariado?...

Certamente, a ruptura com a paz social implica vandalismo, e não deveríamos ter vergonha de dizê-lo, mas, pelo contrário, afirmá-lo como uma expressão eloquente do repúdio a esse sistema e tudo o que ele representa. É lógico que o vandalismo seja sempre irracional e “incivilizado” para a burguesia e seu Estado, porque esta nos quer respeitosos e servis da “tranquilidade”, de uma paz que permita a livre circulação de mercadorias para a acumulação de capital.



---

<sup>1</sup> Referente ao atual governo de Andrés Manuel López Obrador - AMLO, um “populista de esquerda” que diz que seu governo é diferente dos antecedentes neoliberais, e que a “quarta transformação” do país – depois da independência (o movimento armado contra três séculos de domínio espanhol de 1810 a 1821), da reforma (que se seguiu à guerra entre liberais e conservadores de 1858 a 1861) e da revolução contra o regime de Porfírio Díaz (1910-1917), que promulgou a atual Constituição – “acabará com a corrupção e será a base do desenvolvimento para a sociedade mexicana”.

Agitar e protestar nas ruas não é uma tarefa que envolve interpretar o bom cristão fazendo o trabalho samaritano. Assim não se faz frente ao terrorismo de Estado. A sabotagem, a expropriação, os piquetes, o motim, são práticas que historicamente os oprimidos e explorados empregaram (e continuarão a fazê-lo) como ferramenta de luta em todo o mundo.

\*\*\*

Evidentemente, tais acontecimentos como os que ocorreram na sexta, 16 de agosto, não são nem próximos de uma revolução; mas isso não ilude que tenham sido novamente um importante ponto de ruptura, que por um lado rompeu o isolamento e impulsionou uma comunidade de luta; e por outro, exacerbou novamente as contradições sociais, delimitando novamente quem são os inimigos que respaldam o partido da ordem e, portanto, reafirmou a necessidade de se posicionar contra eles e o sistema que defendem.

Com ascensão e declínio contínuos, todo movimento é produto de sua época histórica e, portanto, não está isento de fraquezas e contradições sobre si mesmo, mas estas só são superáveis pela mesma prática gestada no desenvolvimento da luta daqueles que participam ou de algum modo estão envolvidos. Resta apenas esperar que essa experiência sirva para fazer as rupturas necessárias e se fortalecer para futuros combates.

## **Colectivo Tierra de Nadie**

<https://antagonismorp.wordpress.com/2019/08/22/algunas-consideraciones-sobre-el-16a/>

# Chamado à ação anárquica por Féminas Brujas e Insurrecionalistas

## **SOMOS MÁ S E PODEMOS SER PIORES: SOMOS SEU PIOR PESADELO!**

“Provocação” e “Ilegalidade” é qualquer ação que não é executada pelo Estado e excede suas leis e normas; é por isso que as autoridades insistem em apresentar a guerra anárquica contra o sistema de dominação como uma “provocação” que busca desencadear a repressão. Mas a realidade nos ensina que a repressão está aqui e agora e é praticada cotidianamente pelo poder, velada ou brutalmente.

O Estado continua exercendo o monopólio da violência e só está disposto a compartilhá-lo com os grupos do chamado “crime organizado” com quem também compartilham o DNA, demonstrando que não há nada novo em sua Quarta Transformação. Como sempre dissemos: são os mesmos cães misóginos agora com a coleira vermelha.

Finalmente a raiva antissistêmica conseguiu espalhar a raiva para amplas frações do chamado “movimento feminista”, tristemente adormecidas até a tarde de



ontem. Finalmente compreenderam que o pacifismo é o cúmplice mais ativo do poder patriarcal e da dominação.



Nós sempre expressamos que não somos feministas. NÓS SOMOS ANARQUISTAS e por isso lutamos contra o Patriarcado, não pelo feminismo. Conhecemos a ideologia feminista e a vemos cotidianamente em "ação", ocupando assentos e cargos públicos, empoleirando-se em nossas vidas e nossos corpos para propagar "a Pátria feminista" como declarou uma senadora do MORENA (partido político mexicano de esquerda), esquecendo (consequentemente) que a Pátria é o território do Patriarca.

Nem Martha Lucia Michel (senadora mexicana), nem Marta Lamas (antropóloga mexicana), nem Marilú Razo (integrante do Espacio Mujeres para una Vida Libre de Violencia), nem nenhuma das feministas sistêmicas (políticas, acadêmicas e dialogadoras) nos representam. Sua reação contra a violência roxa e negra, seu amasiado com Sheimbaum (atual prefeita da Cidade do México), só reforça sua condição de oportunistas em busca de ossos, de modo que lambem as botas e chupam os ovos de seu presidente.

A melhor mostra de sua cumplicidade é a hashtag #EllasNoNosRepresentan, afirmando que com a violência antissistêmica mancharemos “a defesa dos direitos das mulheres”, promovendo a passividade cúmplice e impondo a conduta politicamente correta da “pessoa de bem”.

Nós não somos Povo. Ser “povo” é delegar nossa realidade como mulheres, nossa liberdade e nossa autonomia a Outro, é negar nossa individualidade e nossa essência. SOMOS GUERREIRAS ANÁRQUICAS EM LUTA CONTRA O PATRIARCADO.

Somos conscientes de que estamos em guerra e sabemos quem são nossxs inimigxs. Sabemos quem estamos enfrentando, como também sabemos quem são xs aliadx do sistema e quem são nossas cúmplices. Reconhecemos o que outras calam: a presença no palácio nacional de um fascista misógino e sexista, pró-vida, ultraconservador e evangélico a quem a esquerda se aliou em seu oportunismo constante para “tomar o poder” a todo custo.

Portanto, não pedimos justiça aos nossos carrascos nem a destituição e o castigo de seus porcos violadores. Isso seria distinguir entre policiais bons e policiais maus. Para nós o melhor policial é o que está morto.

Nós não queremos diálogo, por isso não colocamos limites à revolta. Nossos desejos de destruição e nossa ânsia de liberdade não ficarão presos nos apanhadores de sonhos: seremos seu pior pesadelo!

Se algum dia não voltarmos pra casa: Não acendam velas, acendam barricadas!

Nem Deus, nem Estado, nem Amo, nem Marido!

O Estado-Capital, com AMLO (Andrés Manuel López Obrador, atual presidente do México) ou sem AMLO, patriarcado é o que tece!

Destruamos tudo o que nos domina e condiciona!

Solidariedade anárquica com todas as companheiras e companheiros presxs em todo o mundo!



Contra a civilização patriarcal!

Pelo controle de nossas vidas!

Pela destruição do gênero!

Pela tensão anárquica insurreccional!

Pela Anarquia!

Fogo a todo o existente!

***Féminas Brujas e Insurreccionalistas (F.B.I)***

Cidade do México, sábado 17 de agosto de 2019.

Tradução > keka

agência de notícias anarquistas – ANA

<https://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2019/08/22/mexico-chamado-a-acao-anarquica-por-feminas-brujas-e-insurreccionalistas/>







**APÓS A DENÚNCIA DO ABUSO SEXUAL SOFRIDO POR UMA JOVEM NAS MÃOS DE 4 AGENTES DA POLÍCIA NO MUNICÍPIO DE AZCAPOTZALCO, CIDADE DO MÉXICO, FORAM CONVOCADAS CONCENTRAÇÕES EM DIVERSOS PONTOS DO TERRITÓRIO DOMINADO PELO ESTADO MEXICANO, POR GRUPOS FEMINISTAS E INSURGENTES, NO DIA 16/08/2019.**